

ARTIGO

NEGROS DA DIÁSPORA ATLÂNTICA E EXPERIÊNCIAS DE CURA NA PROVÍNCIA DA PARAHYBA DO NORTE (1850-1888)

ELAINNE CRISTINA JORGE DIAS

Mestra em História (UFPB). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação
em História pela Universidade Federal da Paraíba.
E-mail: elainnejorge@hotmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0000-1961-2515>

LIDIANA EMIDIO JUSTO DA COSTA

Doutora em História (UFPE). Docente da Rede Pública
de Ensino do Estado da Paraíba.
E-mail: leejusto@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9531-9492>

RESUMO: Este estudo analisa a relação do processo de diáspora atlântica com as artes de curar utilizadas pelos negros durante a segunda metade do século XIX, na província da Parahyba do Norte. Nesse sentido, recorreremos a diferentes fontes históricas, como notícias, obituários e anúncios presentes nos jornais que circularam na província nas últimas décadas da escravidão. A análise dessas fontes, além de permitir uma reflexão sobre as experiências negras na arte de curar, contribui na compreensão a respeito das condições de cativeiro, atentando para as condições físicas e de saúde dos escravizados.

PALAVRAS-CHAVE: diáspora; experiências negras; arte de curar.

BLACKS FROM THE ATLANTIC DIASPORA AND EXPERIENCES OF HEALING IN THE PROVINCE OF PARAHYBA DO NORTE (1850-1850)

ABSTRACT: This study analyzes the relation of the process of Atlantic diaspora with the healing arts used by blacks during the second half of the nineteenth century, in the province of Parahyba do Norte. In this sense, we will resort to different historical sources, such as news, obituaries and advertisements present in the newspapers that circulated in the province in the last decades of slavery. The analysis of these sources, in addition to allowing us a reflection on the black experiences in the art of healing, contribute to understanding the conditions of captivity, paying attention to the physical and health conditions of the enslaved.

KEYWORDS: diaspora; black experiences; art of healing.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2025v84p265-292>

Recebido em: 30/06/2025

Aprovado em: 08/09/2025



Introdução

Nas últimas décadas, os estudos sobre a história da saúde, das doenças e cura da população escravizada avançaram significativamente, devido, especialmente, às mudanças metodológicas e teóricas. Isto se deve ao fato de a historiografia da escravidão ter aberto um caminho para novas abordagens e perspectivas sobre a temática, sobretudo, no que se refere à sociabilidade escrava. Essas novas abordagens nos possibilitam conhecer fragmentos das experiências dos escravizados, constituídas no processo denominado de diáspora atlântica, que engloba, dentre outros aspectos, as estratégias de resistência da população escravizada para sobreviver e viver em cativeiro, a exemplo da preservação e adaptação de seus costumes e conhecimentos a outras práticas culturais.

Nesse sentido, convém destacar que a utilização do conceito de diáspora utilizada neste estudo, não se vincula apenas à migração traumática e forçada dos povos africanos, mas também a uma redefinição identitária a partir do contato que esses sujeitos históricos tiveram com uma nova cultura. Ou seja, os africanos escravizados e seus descendentes, participantes da diáspora forçada,

[...] contribuíram com a criação e a invenção de uma nova cultura, elaborando novas formas de espiritualidade, conhecimento, subjetividade, sociabilidade. As novas culturas criadas são também projetos políticos, que trazem em seu bojo não somente a dimensão da resistência, mas também a dimensão da esperança. E essas culturas- que para efeito de clareza podemos chamar de culturas políticas- não são mumificações históricas, senão passam cotidianamente pelo processo de recriação a partir de trocas de ideias, valores e projetos que circulam pelo mundo afrodiáspórico (Costa; Torres; Grosfoguel, 2019, p.17).

Stuart Hall (2003), ao analisar o processo de diáspora e, consequentemente, o assentamento de negros caribenhos no Reino Unido, destaca que nesse processo as identidades se tornam múltiplas. Ele coloca que as questões da identidade cultural na diáspora devem ser pensadas como uma questão histórica, uma vez que esse processo é marcado por rupturas aterradoras, violentas e abruptas. Para ele, a cultura caribenha, na “fornalha da sociedade colonial”, é manifestamente o resultado do entrelaçamento e fusão de diferentes elementos culturais

africanos, asiáticos e europeus. Em nosso caso, podemos destacar que seria a fusão de elementos africanos, indígenas e europeus. Dito isto, ao utilizar o conceito de diáspora, estaremos nos referindo a ele não apenas como sinônimo de migração traumática e forçada, mas a uma eventual redefinição identitária, resultado do contato com outra (s) cultura (s).¹

Nesse contexto, destacamos as experiências dos negros na arte de curar,² visto que as temáticas que envolvem a saúde, a doença e as práticas de curar como fenômenos socioculturais se entrecruzam, o que nos demonstra que esses objetos de estudo deixaram de ser analisados exclusivamente pela medicina, nos revelando a sua historicidade. Assim, destacamos que é difícil discutir as práticas de curar utilizadas em e por escravizados, sem antes compreender as condições físicas, de saúde e as enfermidades que os acometiam, uma vez que as condições de cativeiro se não foram as causas, foram determinantes para o agravamento de problemas de saúde que, em alguns casos, levaram à morte.

Os estudos sobre a história da saúde e das doenças da população escravizada, durante o período imperial brasileiro, têm revelado inúmeros aspectos sobre o cotidiano, as terapêuticas, as artes de curar, a organização da saúde pública, a luta da medicina acadêmica para impor o saber institucionalizado e a própria atuação daqueles que viviam em cativeiro na construção de uma medicina mestiça.³ Isto porque, na busca da cura de suas enfermidades, os escravizados recorreram a uma série de práticas medicinais que envolviam, entre outros aspectos, a utilização de saberes locais, a exemplo do uso de plantas medicinais nativas, assim como o auxílio de curandeiros. Consequentemente, essas temáticas se entrecruzam e nos permitem problematizar as experiências diáspóricas dos negros nas artes de curar como fenômenos socioculturais e, portanto,

¹ Sobre esse aspecto ver o texto de Nelson Maldonato Torres, intitulado- Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonato; Grosfoguel (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

² Ao utilizar esse conceito, concordamos com a pesquisadora Betânia Gonçalves de Figueiredo (2008, p.24) que considera a arte de curar não está relacionada apenas aos procedimentos, técnicas e cuidados que buscavam restabelecer o corpo doente, mas, também, as práticas daqueles que se dispunham a auxiliar e socorrer para aliviar a dor, assim como os cuidados de saúde no dia a dia.

³ Conceito utilizado por Carla Almeida. In: ALMEIDA, Carla Berenice Starling de. **Medicina Mestiça**: saberes e práticas curativas nas Minas Setecentistas. São Paulo: Annablume, 2010.

objetos de estudo da História.

Nesse sentido, destacamos alguns estudos que nos permitem problematizar e discutir questões a respeito das práticas de curar utilizadas pela população negra na Paraíba Oitocentista, a citar o de Betânia Gonçalves Figueiredo, “A Arte de Curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais”, que nos traz, a partir de relatos dos memorialistas, jornais, legislação mineira e censos, as transformações da arte de curar no tempo e no espaço das Minas Gerais do século XIX, período esse marcado pela introdução da medicina acadêmica e científica como parâmetro moderno da prática médica.

A autora nos mostra que, mesmo com a introdução dessa medicina acadêmica, os ofícios a serviço da cura continuaram a existir, destacando a atuação de barbeiros, cirurgiões, parteiras, curandeiros e dentistas, ou simplesmente os práticos. Outro estudo que merece ser destacado é o de Mary Karasch, “A vida dos escravos do Rio de Janeiro (1808-1850)”, que aborda, entre outros aspectos, as moléstias que mais atingiam e acometiam os escravizados no Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XIX. Por sua vez, a obra “Cativeiros enfermos: assistência e saúde no Brasil escravista”, organizada pelos pesquisadores Tânia Salgado Pimenta e Flávio dos Santos Gomes (dois importantes estudiosos da área), traz uma série de artigos que nos ajuda a compreender as condições de saúde, a vida, as práticas de cura e a morte entre os escravizados.

A partir da História Social e História da Ciência, os ensaios presentes na referida obra nos trazem abordagens que envolvem experiências negras na assistência à saúde, análises sobre as condições de saúde dos escravizados a partir dos anúncios de fuga presentes nos jornais e, ainda, a respeito das doenças cativas. Dialogando comparativamente com essas discussões e com a documentação analisada, buscaremos compreender as experiências diáspóricas dos negros na arte de curar na Paraíba, durante a segunda metade do século XIX.

No que diz respeito às pesquisas realizadas na Paraíba, encontramos alguns estudos que discutem não apenas as condições físicas e de saúde dos escravizados, mas também sobre a atuação de curandeiros negros na arte de curar, a exemplo do artigo “As condições físicas e de saúde dos escravizados nos anúncios de jornais da Paraíba oitocentista (1850-1888)”,

em que a pesquisadora Elainne Jorge nos traz uma análise das condições físicas e saúde dos escravizados a partir dos anúncios de fuga, relacionando-as com as condições de cativeiro a qual vivia a população cativa. E o estudo intitulado “As artes de curar na Província da Parahyba nas décadas de 1870-1880”, dos pesquisadores Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano e Wuendisy Fortunato da Silva que nos trazem, através de um relato de memória, o caso do curandeiro mulato Antônio Mão Santa. Nessa mesma linha, destacamos o trabalho de Solange Pereira da Rocha, “Doenças de pessoas negras e práticas de curar na freguesia de Santa Rita (1840-1888)”, onde a autora abordou o caso de dois barbeiros negros que atuaram na província da Parahyba do Norte, João Barbeiro e Antônio Leite, chamando atenção para a forma de atuação dos mesmos.

Vale salientar que a atuação desses dois barbeiros foi discutida anteriormente por Lenilde Duarte de Sá em sua tese de doutoramento “Parahyba: uma cidade entre miasmas e micróbios. O Serviço de Higiene Pública, 1895 a 1918”. Ao analisar as práticas de cura utilizadas na cidade da Parahyba, ela nos mostra que havia alguns mestres nos ofícios de praticar sangrias e aplicar sanguessugas, destacando o caso dos dois barbeiros negros citados anteriormente. Retomaremos esses personagens (Antônio Mão Santa, João Barbeiro e Antônio Leite), ao longo deste estudo.

Condições de saúde e enfermidades de cativos, livres e libertos na província da Parahyba do Norte

Para analisar as condições físicas e moléstias que acometiam os escravizados na Província da Parahyba do Norte, durante a segunda metade do século XIX,⁴ é preciso discutir as práticas e experiências de cura utilizadas pelos cativos e a população livre e liberta, como também a atuação das instituições médicas, tendo em vista o controle, a prevenção e o tratamento das doenças. Desta forma, buscando compreender as experiências da população negra na arte de curar na Província da Parahyba

⁴ A escolha temporal do referido estudo se dá em razão deste período ter sido marcado pelo declínio do trabalho escravo no Brasil. Durante esse período, a província da Parahyba do Norte foi acometida por surtos de doenças, a exemplo da varíola, febre amarela e cólera, males que vitimaram inúmeros cativos e outros segmentos da população. A respeito do cólera, a província foi atingida por dois surtos da doença, o primeiro entre 1855 e 1856 e o segundo entre 1861 e 1862.

do Norte entre os anos de 1850 a 1888, a partir do contexto de diáspora, nos valeremos de um variado *corpus* documental composto por notícias, obituários e anúncios presentes nos jornais que circularam na província nas últimas décadas da escravidão, relatos de memória e manuais de medicina.

Nesse sentido, concordamos com Matheus Guimarães (2018) quando ele afirma em sua obra “Diáspora africana na Paraíba do Norte: Trabalho, tráfico e sociabilidade na primeira metade do século XIX”, que um fato histórico ou uma memória, ao ser revisitado, ganha novas interpretações e significações, desvelando tramas e o protagonismo dos sujeitos africanos cativos e libertos que tiveram que se reinventar no processo da diáspora africana. Assim, ao revisitar a trajetória de curandeiros negros que atuaram na prática de cura na Província da Parahyba, assim como experiências cotidianas dos escravizados, buscaremos destacar a relação do processo de diáspora com a disseminação do conhecimento trazido pelos africanos, que, consequentemente, se fundiram à cultura nativa e europeia, resultando em uma medicina mestiça.

No que se refere à documentação, a análise de notícias, obituários e anúncios de jornais, referentes aos escravizados e às condições de salubridade, bem como a vida da população da província, nos permite levantar algumas questões sobre a saúde e enfermidades da população cativa da Paraíba oitocentista, já que, conforme registrou Márcia Amantino (2007), os anúncios são amostragens e, por isso, seus resultados não devem ser vistos como absolutos, “além de serem elaborados a partir da convivência que o senhor tivera com o escravo antes da fuga” (Carvalho, 1998, p. 259).

Todavia, isso não diminui a importância desse tipo de fonte para estudar essa população, pois, por meio dela, é possível ter, ainda que parcialmente, uma visão do universo social em que viviam. Além disso, conforme chamou atenção Jean-Pierre Glaunec (2003), os anúncios de fuga eram muito mais do que simples anúncios, eles eram relatos de acontecimentos e representações de personagens que eram ou poderiam ser familiares, sendo pequenos fragmentos da vida cotidiana.

E mais, os impressos que circularam no Brasil, durante a segunda metade dos oitocentos, eram vistos pela população como um veículo de educação e instrução, ou seja,

Representam significados mananciais de informações sobre o repertório de uma época e sobre os usos que dele faziam seus colaboradores. Neles se fazem presentes projetos, opiniões, conflitos e debates que apontam a complexidade dos interesses e experiências dos indivíduos e dos contextos em que se inscrevem (Silva; Nascimento; Zica, 2020, p. 223).

Muitas das enfermidades relacionadas à condição física dos escravizados, apresentadas pelos anúncios de fuga, estão associadas, geralmente, à própria condição de cativeiro em que viviam (moradia, alimentação, vestimentas) e às longas e repetitivas jornadas de trabalho, a exemplo do cativo Antônio, conhecido como carrapato, que conforme a descrição do seu senhor era: “pardo, 58 anos de idade, mais ou menos [...] dois dedos da mão direita coriados, um pulmão em um dos pés, no qual tem uma cicatriz, produzida por golpe de machado em ocasião de trabalho no ofício de carpina”.⁵

Como podemos perceber, de acordo com o próprio anúncio de fuga, a cicatriz do escravizado Antônio foi proveniente de um acidente de trabalho enquanto exercia o ofício de carpina. O mesmo anúncio, ainda, chama atenção para o fato de o cativo ter um pulmão em um dos pés. A falta de calçados no vestuário pode ter facilitado a proliferação desse problema de saúde, já que, devido às más condições de higiene e ao regime de trabalho impostos, eram comuns machucados e ulcerações nos pés, causados por instrumentos perfurantes, que poderiam facilitar a contaminação por tétano.⁶ Era comum nos anúncios de fugas, informações sobre os pés dos cativos como *uma unha do pé lascada* ou, ainda, *faltando-lhe o dedo mínimo do pé direito*, o que mais uma vez reforça que essas enfermidades nos pés seriam resultado da falta de calçados no vestuário da população escravizada.

Sobre esse aspecto, Débora Mattos (2023) coloca que os proprietários anunciantes, ao descrever o seu cativo fugido, nos permite atentar para as condições físicas e de saúde dos sujeitos que haviam sido levados ao

⁵ Informações contidas no jornal *O Liberal Parahybano*, publicado em 01 de janeiro de 1883. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>. Acesso em: 27 jan. 2025.

⁶ Sobre esse aspecto consultar Karasch (2000, p. 187-188).

cativeiro. Além desses problemas de saúde, causados pela ausência de calçados e descritos nos anúncios de fuga, Mary Karasch (2000) destaca que outro perigo para o escravizado que andava descalço era o bicho-dopé, que caso não fosse bem removido, o inseto colocava seus ovos sob a pele, causando infecções sérias que podiam deixá-los aleijados. De acordo com Elainne Jorge (2011), a ausência dessa parte do vestuário, ocorria em razão dos sapatos serem vistos pela sociedade como um sinal de liberdade, aspecto este reforçado ao analisar a voz do proprietário ao descrever as características físicas do cativo nos anúncios de fuga, quando ele chama atenção para o fato de que ao fugir, o escravizado teria levado consigo sapatos e roupas na intenção de se passar por uma pessoa livre.

Paralelamente, nos obituários presentes nos jornais, é possível encontrar informações sobre algumas das doenças que acometiam os escravizados. Eles informavam, além do nome do indivíduo, idade, proprietário, cor e condição social, as moléstias que mais acometiam a população cativa naquele período.

Sobre isso, vejamos os dados no quadro a seguir.

Quadro 1 - Doenças e mortes de escravizados na cidade da Paraíba do Norte divulgadas nos obituários/ Repartição Policial- *O Publicador* (1864-1869).

Causa da morte	Quantidade	Causa da morte	Quantidade
Espasmo	38	Sarnas recolhidas	2
Moléstia interior	31	Apoplexia	2
Hydropsia	20	Feridas na cabeça	1
Câmaras de sangue	20	Pneumonia	1
Dyarrhea	11	Cólica	1
Tosse	7	Gastroenterite	1
Febres	7	Morte repentina	1
Estupôr	7	Inflammation do Estômago	1
Não consta	6	Queimado	1
Parto	5	Pleuriz	1
Dentição	5	Maligna	1
Inflammation	4	Febre amarela	1

Asthma	4	Coqueluche	1
Moléstia pulmonar	3	Gangrena	1
Tétano	3	Frialde	1
Venério	3	Hérnia	1
Velhice	3	Hemorrodia de Sangue	1
Inxação	3	Terça	1
Tísica pulmonar	3	Escoriação	1
Feridas na garganta e boca	3	Rotura umbilical	1
Inflammation no baço	2	Hepatite	1
Afogado	2	Moléstia do Coração	1
Ataque cerebral	2	Total	216

Fonte: Quadro elaborado a partir das nomenclaturas encontradas nas fontes para a elaboração dessa tabela. Fonte: Jornal *O Publicador* (1864-1869). Acervo da Hemeroteca Digital- Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: Jan. 2025.

Como podemos perceber no quadro anterior, o jornal *O Publicador* entre os anos de 1864 a 1869, relatou um total de duzentos e dezesseis mortes de pessoas escravizadas na província da Parahyba do Norte, destacando suas respectivas causas. O espasmo foi a doença que mais acometeu a população escravizada no período analisado, sendo trinta e oito o número de óbitos registrados. Esta doença tratava-se de uma enfermidade intestinal, e era comum em recém-nascidos que possuíam o sistema digestivo imaturo, o que, consequentemente, ocasionava cólicas em razão do acúmulo de gases. De acordo com Eduardo Queiroz Cavalcante (2015), esse problema de saúde poderia se agravar com as más condições alimentares as quais estavam submetidos os escravizados.

Segundo o mesmo autor, a falta de sódio e potássio também contribuía para o aparecimento de cólicas. Além disso, por ser uma enfermidade que atingia crianças com menos de um ano de idade, podemos relacioná-la ao fato de algumas mulheres, cativas ou não, serem alugadas ou prestarem serviço como amas de leite, conforme indica o

seguinte anúncio: “AMA DE LEITE. Precisa-se uma ama para uma criança de tres mezes, prefere-se escrava à livre, mulher moça e sadia [...]”.⁷ Logo, as crianças cativas que estavam no período de amamentação, ficavam desprovidas desse alimento, tão essencial nessa fase.

Ao analisar o quadro, verificamos que grande parte das mortes foram causadas por problemas gastrointestinais, a exemplo da “hydropsia” com 20 óbitos, que seria o derramamento de serosidade em uma cavidade qualquer do corpo ou no tecido celular subcutâneo. Quando essa enfermidade se limitava a apenas uma região do corpo ela era chamada de “edêma”, ou vulgarmente inchaço, mas caso atingisse o ventre se denominava de “ascite”, ou vulgarmente “barriga d’água”. Uma das causas apontadas para o desenvolvimento dessa enfermidade seria a dieta insalubre ou insuficiente.⁸ No caso da “gastrointerite”, se referia, de acordo com Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1851), a inflamação do estômago e dos intestinos. Vale lembrar que, em alguns momentos, não estava informada a nomenclatura das doenças, mas sim seus sintomas, a citar a “dyarrhea” e a “cólica”.

Enfermidades no aparelho respiratório também foram identificadas, a destacar a “tísica pulmonar”, conhecida hoje como tuberculose, e a “pneumonia”. Assim como ocorrida nas doenças gastrointestinais, havia situações em que a causa da morte era apontada a partir de seus sintomas, a exemplo da “tosse”. Vale salientar que, em alguns registros de óbitos, inexistiam informações sobre a causa da morte e, em outros casos, ela não teria ocorrido em razão de uma doença, mas por outras circunstâncias, como a morte do cativo Luiz,⁹ ocasionada por afogamento.

No que se refere a este escravizado, durante dias os jornais trouxeram informações sobre sua morte e sepultamento. De acordo com o jornal *O Publicador*, no dia 13 de outubro de 1866, durante uma obra da ponte do rio Sanhauá, localizada na cidade da Parahyba, um indivíduo teria descido por um cano para trabalhar, caindo “fulminado pelas exhalações

⁷ Jornal *O Publicador*, publicado em 23 de fevereiro de 1867. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=215481&Pesq=ama%20de%20leite&pagfis=1035>. Acesso: 27 jan. 2025.

⁸ As informações sobre a hydropsia estão contidas no *Dicionário de Medicina Popular*, volume 2, de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, 1851.

⁹ Informações contidas no jornal *O Publicador*, publicado em 19 de outubro de 1866. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

deleteiras de uma camada de lama” e, sucessivamente, mais quatro pessoas, entre elas o escravizado Luiz, que buscava salvar os que estavam caindo.

Na ocasião, o cativo Luiz conseguiu amarrar dois dos indivíduos que foram “içados”. Por sua vez, o engenheiro da obra mandou descer um homem com vestimenta de mergulhador, que retirou os outros dois, ainda presos, após amarrá-los. Entre esses dois últimos, estava Luiz, que ao ser retirado encontrava-se morto “asphyxiado por aquellas exhalações”.¹⁰ No dia seguinte, seu corpo foi sepultado no cemitério público da cidade.¹¹ Dias após, foram divulgadas as informações dos exames de corpo de delito e vistoria feitos nos cadávares do cativo Luiz e de José Piloto, que haviam falecido durante o mesmo episódio, vítimas de um acidente de trabalho.

Para realizar os referidos exames, o chefe de polícia João Rodrigues Chaves notificou os doutores Antônio da Cruz Cordeiro e Abdon Felinto Milanez e, como testemunhas, Gregório Magno Borges da Fonseca e Marcelino Gomes de Leiros, todos moradores da cidade da Parahyba. A respeito das mortes, concluídos os exames, os doutores declararam que não apresentavam nenhuma contusão ou lesão externa de qualquer natureza, após a retirada de seus corpos do cano da ponte; que conservavam alguma terra e lama nos dedos dos pés e das mãos; possuíam as faces, os lábios e as línguas lívidas, além dos olhos fechados; da boca e do nariz se desprendiam alguma espuma, a princípio branca e, posteriormente, “sanguinolenta”.

Os doutores relataram, ainda, que na tentativa de trazê-los novamente a vida, foram realizados alguns procedimentos, a exemplo da “insuflação do ar nos pulmões dos cadáveres” por meio de expirações feitas através de um tubo de metal adaptados a boca das vítimas.¹² Além desse procedimento foram empregados: “[...] asperções frias sobre o rosto, fricções secas, alcoolicas, e ammoniacaes sobre o corpo com baeta aquecida,

¹⁰ Infamações contidas no Jornal *O Publicador*, de 17 de outubro de 1866. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=215481&pasta=ano%20186&pesq=calenga&pagfis=3132>. Acesso em: 25 jun. 2025.

¹¹ Infamações contidas no Jornal *O Publicador*, de 19 de outubro de 1866. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=215481&pasta=ano%20186&pesq=rosemiro&pagfis=3142>. Acesso em: 25 jun. 2025.

¹² Infamações contidas no Jornal *O Publicador*, de 20 de outubro de 1866. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=215481&pasta=ano%20186&pesq=sanguinolenta&pagfis=3148>. Acesso em: 25 jun. 2025.

variando ora sobre a região precordial, ora sobre os membros, tijolos quentes nas extremidades inferiores" (Jornal *O Publicador*, 20 de outubro de 1866).

Como podemos constatar, várias medidas foram tomadas pelos doutores Antônio da Cruz Cordeiro e Abdon Felinto Milanez na tentativa de trazer novamente a vida o cativo Luiz e o criôlo José Piloto. Todavia, apesar dos procedimentos, como destacado anteriormente, não obtiveram êxito. Outro caso de morte, relatado no jornal, foi do escravizado Thomas. De acordo com as informações do *Diário da Parahyba*, o preto Thomas, do senhor Antônio Thomas Carneiro da Cunha, que se achava bastante embriagado, teria caído no momento em que descia a escada de um sobrado, em julho de 1884. Consequentemente, ele acabou atingindo a sua face em pedras que estavam no local, o que causou sua morte.¹³

Desta forma, como podemos perceber, as doenças não eram as únicas responsáveis pelos óbitos entre os escravizados, tendo em vista que os mesmos podiam ser vítimas de acidentes de trabalho, como mostramos. Porém, no que se refere às enfermidades, na tentativa de curá-las, eram utilizadas diversas práticas de cura que incluíam desde a utilização de plantas medicinais a aplicação de sanguessugas. Vale salientar que, o uso de plantas pela população negra poderia ocorrer em diferentes momentos que podem estar relacionados à cura, a rituais religiosos e, ainda, ao amansamento e envenenamento de seus senhores.

Nesse estudo, iremos destacar a utilização das plantas no tratamento de doenças causadas por condições físicas e de saúde. No caso das tosses, por exemplo, no "Dicionário de Medicina Popular", do médico polonês Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, é possível encontrar que um dos tratamentos utilizados para essa enfermidade é a utilização da infusão de quatro "flores peitoraes" secas: a malva, a tussilagem; a papoula e a pé de gato. Por sua vez, temos o "angico", árvore da família das leguminosas, que fazia parte da flora de várias províncias do império, entre elas a Parahyba do Norte. De acordo com o dicionário de Chernoviz, dos ramos dessa árvore se extraía uma goma, que misturada a água morna poderia ser utilizada no

¹³ Informações contidas no jornal *Diário da Parahyba*, publicado em 11 de julho de 1884. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=809144&pasta=ano%20188&pesq=embriagado&pagfis=140>. Acesso em: 25 jun. 2025.

tratamento de bronquites, assim como a infusão de flores de malva, citada na medicação anterior.

Outro meio de buscar informações a respeito das terapêuticas que poderiam ser utilizadas no tratamento de enfermidades é o jornal. Era comum nos periódicos do século XIX notícias e anúncios que indicavam o tratamento de enfermidades, conforme este abaixo:

O prodigioso Xarope Ante-asthmatico de Floriano Serpa- Approvado pela Junta Central de Hygiene do Rio de Janeiro [...]. Cura da asthma, da bronchites simples e capillar aguda ou chronica. Este medicamento recem descoberto na província da Bahia, preparado exclusivamente com plantas indígenas, tem produzido o mais efficaz resultado no soffrimento das vias respiratórias, como na asthma, bronchites, tosses rebeldes, catarro pulmonar agudo ou chronico e rouquidão [...] (*Jornal Diário da Parahyba*, 17 de julho de 1884).

A partir do exposto, é possível perceber, além da utilização de plantas no tratamento de enfermidades, a influência da cultura indígena. De acordo com o anúncio, o xarope “ante-asthmatico” havia sido preparado exclusivamente com plantas indígenas, o que nos indica que havia o conhecimento, por parte do fabricante, de que as plantas utilizadas possuíam efeito medicinal. Além disso, o referido anúncio chama atenção aos seus leitores de que o xarope havia sido aprovado pela Junta Central de Hygiene do Rio de Janeiro, o que demonstra que o anunciante buscava legitimar a segurança e o efeito eficaz da medicação. Outra informação destaca é que a medicação, assim como as “flores peitoraes” e o “angico”, poderia ser utilizada no tratamento da tosse, assim como em diferentes sintomas e doenças do aparelho respiratório, a exemplo da “asthma,¹⁴ bronquites, catarro e rouquidão”.

Nesse sentido, concordamos com Carla Almeida (2010) quando destaca que os saberes elaborados pelas instituições acadêmicas não fizeram desaparecer os conhecimentos populares sobre as artes de curar, que poderiam ser considerados uma *medicina mestiça*, uma vez que se amparava na mistura de elementos da flora e da fauna e nos saberes a eles referentes, os quais estavam processados no encontro de diversas culturas

¹⁴ No século XIX, a asma era compreendida como uma condição caracterizada por dispneia, ataques de falta de ar.

e na sua utilização igualmente diversa. Vale salientar que, essas informações contidas no dicionário de Chernoviz e no anúncio do jornal chegavam ao conhecimento da população escravizada por meio das práticas de leituras da sociedade oitocentista.

Apesar de grande parte da população da província da Paraíba do Norte ser analfabeta, isso não significa que o conhecimento científico e popular não chegassem aos não letrados. Sendo assim, compartilhamos da posição de Socorro de Fátima Barbosa (2007) quando afirma que a apropriação do conteúdo dos jornais pelos leitores, a partir da leitura, está associada, entre outros aspectos, à oralidade, o que implicava a participação de escravos e homens livres analfabetos na sua socialização.

Pode-se destacar, ainda, que em casos de doenças, a população recorria aos cuidados médicos, boticários, físicos e cirurgiões licenciados para tratar de suas enfermidades. No entanto, na falta desses profissionais, ou não, ela poderia procurar o auxílio de benzedeiras, que não costumavam receitar remédios nem indicar tratamentos de saúde, mas rezavam preces, com gestos e ramos, com o intuito de conseguir bons resultados para os males combatidos¹⁵ como, também, recorrer aos curandeiros e barbeiros. Sobre esse último aspecto, Isabel Reis (2006) salientou que eles prescreviam receitas para diversas enfermidades, davam conselhos e vendiam amuletos que “protegiam” o corpo de doenças e da inveja.

É importante destacar que, foi a partir do processo de diáspora, promovida através do tráfico de africanos para o Brasil, que muitos negros trouxeram consigo, dentre outras manifestações culturais, “concepções variadas do corpo, de saúde, de doença e de cura que, imbricados com saberes e práticas distintas de outros povos, contribuíram para a formação da medicina local” (Gelape, 2011, p.2). Para Laura Santos (2007), essa presença das populações de matrizes africanas nas artes de cura e uma provável aproximação dos conhecimentos acadêmicos oficiais, ou não, a exemplo de sangrias e plantas medicinais, foram amplamente utilizadas pelos médicos e cirurgiões acadêmicos.

No tópico a seguir, verticalizaremos nossa análise para compreendermos o cotidiano paraibano no que diz respeito às experiências

¹⁵ Sobre esse aspecto ver a obra de Magalhães (2004).

de cura na província.

Entre “Sanguesugas hamburguezas [...] para alugar-se e vender-se” e o “elixir da vida”: experiências de cura na província da Parahyba oitocentista

No que se refere à província da Parahyba do Norte, como temos destacado neste estudo, temos diversas pesquisas sobre a atuação de negros na arte de curar. Nesse sentido, chamamos atenção para a pesquisa de Wuendisy Fortunato da Silva, “Artes de Curar em confronto? Disputas, ofícios e práticas de curar na Paraíba Imperial”, em que o autor analisou o universo circunscrito das artes de curar na Paraíba imperial, tendo como recorte temporal as décadas de 1870 e 1880. Na referida análise, ele abordou o caso do curandeiro mulato Antônio Mão Santa, ou “Mão Santa”, como ele ficou conhecido.

A partir de um relato de memória,¹⁶ ele evidenciou a atuação desse personagem na arte de curar, destacando, ao descrever suas características físicas, que estas poderiam denunciar que este sujeito histórico estaria bem acima do lugar onde outras categorias sociais de base estavam inseridas, a exemplo da escravizada. Já em outro estudo, “As artes de curar na Província da Parahyba nas décadas de 1870- 1880”, em parceria com a pesquisadora Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano, os autores salientam que, de acordo com a necessidade da população, alguns espaços de poder geralmente ocupados por médicos, também foram ocupados pela categoria de práticos, a exemplo de Mão Santa. Os autores, ainda, relatam que seguir o curso de curadores tradicionais na Parahyba não tem sido tarefa fácil, o que nós concordamos.

Por sua vez, ao analisar as pesquisas de Solange Pereira Rocha, “Doenças de pessoas negras e práticas de curar na freguesia de Santa Rita (1840-1888)”, e Lenilde Duarte de Sá, “Parahyba uma cidade entre miasmas e micróbios. O Serviço de Higiene Pública, 1895 a 1918”, percebemos que as autoras citam os casos de dois barbeiros negros que atuaram na cidade da

¹⁶ O referido relato de memória é de Coriolano de Medeiros. Disponível em: MEDEIROS, Coriolano de.

O Tambiá da minha infância. Sampaio. João Pessoa: A União, 1994

Parahyba durante a segunda metade do século XIX. Em nossos levantamentos encontramos alguns fragmentos das experiências diáspóricas desses dois agentes de cura citados pelas autoras, são eles: João Barbeiro e Manoel Leite.

No que diz respeito a João Barbeiro, Sá (1999), através da obra de Oscar de Castro,¹⁷ o descreve como um indivíduo preto, bem-educado, que atendia a rigor seus clientes, metido em sobrecasaca e calça branca, sendo conhecido como um dos sangradores mais habilitados em sua arte. Nos jornais, encontramos algumas informações sobre sua atuação enquanto barbeiro, além de pistas sobre sua vida e morte. De acordo com as informações publicadas no jornal *Gazeta da Parahyba*, João Francisco do Nascimento, ou simplesmente, João Barbeiro, concorria ao fornecimento de sanguessugas para a enfermaria militar, os oficiais do Exército e suas famílias, nos últimos anos da década de 1880.

Em junho de 1888, uma de suas propostas para o fornecimento de sanguessugas foi recusada, pois, de acordo com o presidente da província, o preço foi considerado por demais exagerado.¹⁸ Porém, no mês seguinte, a presidência da província acabou aprovando sua proposta, passando ele a fornecer as sanguessugas durante o corrente semestre.¹⁹ Todavia, ainda em outubro de 1884, constava informações nos jornais²⁰ sobre o referido barbeiro, tratava-se da divulgação de um ofício encaminhado ao chefe de polícia.

De acordo com o ofício havia uma determinação ao tesouro provincial para o pagamento de 57\$280 réis ao mestre barbeiro. Esse pagamento seria em razão do fornecimento de sanguessugas e ventosas que ele teria aplicado em presos indigentes que estavam recolhidos na enfermaria da cadeia pública da capital, cidade da Parahyba. Além disso, no mesmo ofício existe uma solicitação para anunciar que deveria ir à praça o fornecimento de medicamentos, sanguessugas e ventosas, com a

¹⁷ As obras de Oscar Castro analisadas pela pesquisadora Lenilde Duarte de Sá foram: *Medicina na Paraíba. Flagrantes de sua evolução e Subsídio à história da medicina na Paraíba. Um caso esporádico*.

¹⁸ Informações contidas no jornal *Gazeta da Parahyba*, publicado em 28 de junho de 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: 20 jan. 2025.

¹⁹ Informações contidas no jornal *Gazeta da Parahyba*, publicado em 07 de julho de 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: 20 jan. 2025.

²⁰ Informações contidas no jornal *O Liberal Paraibano*, publicado em 15 de outubro de 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: 20 jan. 2025.

finalidade de evitar o preço excessivo na aplicação destes tratamentos aos enfermos reclusos. Será que João Barbeiro cobrava um preço alto pelos seus serviços? Nos dois jornais foram levantadas essas questões dos valores que foram propostos e pagos, chamando-se atenção pelo “exagero” do valor cobrado, ou para evitar o preço “excessivo” do fornecimento desses serviços utilizados na cura de enfermos.

De acordo com Ricardo Ribeiro Coelho, em seu estudo “O universo social das artes de curar no Brasil colonial”, para os curadores negros, os ofícios de barbeiro e de sangrador, considerados subalternos, representavam oportunidade de diferenciação e mobilidade. No caso de João Barbeiro, identificamos, na documentação, que ele participava das festividades na Igreja Matriz, das quais, também marcavam presença, integrantes da sociedade paraibana que detinham certo prestígio, como médicos, boticários e membros da Justiça. Tratava-se das comemorações da festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora das Neves. Segundo a notícia publicada no jornal *Gazeta da Parahyba*, em julho de 1888, o barbeiro e artista João Francisco do Nascimento teria sido nomeado para participar de uma das comissões, em comemoração ao aniversário da “Inclyta Padroeira” da cidade.²¹

Outro forte indício de que João Barbeiro mantinha relações com a elite local e outros grupos sociais é a notícia de sua morte. Vejamos:

Falleceu ante-hontem nesta cidade o conhecido artista, cabellereiro João Francisco do Nascimento, conhecido como João Barbeiro. Todos quantos tinham relações com João Barbeiro, e era esta cidade inteira e seus arredores o estimavam. [...] Prova eloquente do que fica dito foram o grande concurso de pessoas de todas as classes sociais e o número de irmandades que compareceram ao seu enterro. Teve um enterro como teria a mais grada e estimada pessoa da sociedade: empregados públicos, médicos, juízes de direito, negociantes, advogados, professores públicos, artistas, etc; todos ali se fizeram representar [...] (*Gazeta da Parahyba*, 17 de agosto de 1889).

Como podemos perceber, a atuação desse personagem como barbeiro na cidade da Parahyba teria possibilitado uma mobilidade social, uma vez que, de acordo com a documentação analisada, ele estaria

²¹ Informações contidas no jornal *Gazeta da Parahyba*, publicado em julho de 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: 20 jan. 2025.

inserido em diversos espaços sociais e envolvido com pessoas de todas as classes, o que evidencia que este agente de cura estaria em uma posição semelhante a “mais grada e estimada pessoa da sociedade”. Por sua vez, no que se refere ao barbeiro preto Antônio Luiz Leite, encontramos na documentação pesquisada alguns indícios de sua atuação na capital da província.

Em meados da década de 1860, sua casa estava localizada na Rua Nova,²² número 8, local onde estavam disponíveis para alugar e vender “muito boas sanguessugas hamburguesas”, que, de acordo com as informações, haviam chegado de Pernambuco, província vizinha, por um preço cômodo.²³ Por sua vez, além de alugar e vender as sanguessugas, o referido barbeiro, também, oferecia os seus serviços para aplicá-las, como podemos inferir pelo anúncio:

ATTENÇÃO. Na loja do barbeiro Antônio Luiz Leite na rua Nova n. 35 achão-se as melhores sanguessugas hamburguezas vindas ultimamente de Pernambuco para alugar-se e vender-se, incumbindo se o mesmo anunciante de applical-as: tudo porcommodo preço (Jornal *O Imparcial*, 22 de fevereiro de 1861).

Solange Rocha (2010) destaca que no Brasil, até o início do século XIX, a medicina desconhecia amplamente as causas das doenças. Nesse contexto, uma das principais formas de tratamento eram as sangrias feitas através de ventosas, lancetas ou de sanguessugas hamburguesas, que, em meados da década de 1860, eram alugadas, vendidas e aplicadas por Antônio Luiz Leite. A pesquisadora salienta ainda que, naquele período, fazia-se a sangria por se acreditar que as enfermidades eram causadas pela presença de “sangue viciado” no organismo, o que, consequentemente, levaria ao desequilíbrio dos 4 humores: a fleuma, o sanguíneo, a bílis e a melancolia.

Em um ofício, direcionado ao inspector de tesouraria da fazenda, encontramos mais uma informação da atuação desse barbeiro na aplicação dessas sanguessugas. De acordo com o documento, Antônio Luiz Leite deveria ser contratado para a aplicação de sanguessugas aos doentes do

²² Atual rua General Osório.

²³ Informações contidas no jornal *O Publicador*, publicado em 12 de abril de 1864. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: 20 jan. 2025.

hospital militar durante o primeiro semestre de 1867. Para a realização destas aplicações seria pago o valor de 280 réis por cada uma, que, conforme o referido ofício, seria o valor mais vantajoso oferecido.²⁴

Todavia, convém lembrar que, muitas vezes algumas ideias “populares” de concepções sobre como procurar a cura das moléstias passaram a ser consideradas falsas e combatidas pela comunidade médica. Na percepção de Regina Xavier (2003), em seu estudo sobre os males e suas curas nos oitocentos, a oposição entre médicos e curandeiros, por exemplo, deve ser entendida também em sua dimensão política. Para a autora, a veemência com a qual se defendia a “classe” médica em especializar suas práticas de cura atribuindo-lhes um caráter científico, fazia parte de uma busca para colocar a medicina acadêmica em atuação. No jornal *O Publicador*, noticiado no dia 06 de julho de 1885, podemos identificar bem essa questão levantada por Xavier.

Conforme a denúncia publicada pelo referido jornal, intitulada de *o Curandeiro*, andava pela cidade da Parahyba um pardo de nome Antônio, que havia chegado de Pernambuco trazendo o “elixir da vida”, prometendo curar todas as moléstias conhecidas e desconhecidas. De acordo com o jornal, Antônio dizia ter trabalhado nas enfermarias dos mais importantes hospitais do império, comentando com familiaridade sobre alguns colegas, a citar Malaquias e Texeira, provavelmente médicos. A narrativa, ao que nos parece, convenceu a muitos contemporâneos, os quais permitiram que curandeiro com tal “charlatanismo”²⁵ e “desaforos” ingressasse em muitas residências, algo que foi ignorado, segundo a pessoa que o denunciou, pelo inspetor de saúde pública.

Acreditamos que o curandeiro citado nesta denúncia seria Antônio Mão Santa, estudado por Mariano e Silva (2022). Ao analisar o mesmo relato de memória de Coriolano Medeiros, verificamos que o período coincide com o da denúncia, a década de 1880.²⁶ Além disso, o nome do curandeiro

²⁴ Informações contidas no jornal *O Publicador*, publicado em 04 de janeiro de 1867. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hereroteca-digital/>. Acesso: 21 jan. 2025.

²⁵ Prática daquele que não havia passado por uma formação acadêmica.

²⁶ De acordo com o relato de memória de Coriolano Medeiros, ele teria ido morar em 1880 na rua do Tambiá, cidade da Parahyba do Norte. Em sua obra *O Tambiá da minha infância*, o autor relata várias informações sobre o local e a vida dos moradores, entre eles o curandeiro Antônio Mão Santa.

(Antônio), bem como o local de onde ele teria chegado, Goiana (cidade situada na província vizinha de Pernambuco), também são os mesmos. O referido relato de memória nos informa que o curandeiro se tratava de um “mulato”, o que reforça a nossa hipótese de que ambos os documentos fazem referência à mesma pessoa. Isto porque, *pardo* e *mulato* eram termos utilizados na época para uma identificação étnico-racial.

Apesar dessa denúncia, concordamos com Keith Barbosa (2020) quando ela afirma que, mesmo entre um visto de preconceito e denúncia, ou mesmo perseguidos pela polícia, os curandeiros possuíam a confiança da população, sobretudo, da escravizada e pobre. Ou, como no caso do curandeiro Antônio Mão Santa, de pessoas da elite, pois, conforme o relato de memória, ele, poucos dias após ter se instalado na cidade da Parahyba, teria sido solicitado para curar o filho do Capitão do Porto, Queiroz, o qual não havia tido melhorias em seu estado de saúde com os tratamentos médicos.

Vale ressaltar que, ao relatar o caso de Mão Santa não desejamos demonstrar esse fenômeno do curandeirismo como algo que se constrói em oposição aos saberes médicos acadêmicos, “mas como conjuntos de saberes criados pela experiência e preservados pelas tradições os quais teriam um espaço na cultura dos povos” (Witter, 2001, p.19). Paralelamente, essa denúncia referente ao curandeiro Mão Santa nos demonstra que, enquanto veículo de comunicação, o jornal

[...] tão caro aos práticos, servia como base para a divulgação e consequente ampliação de suas popularidades em diversas estratificações sociais – popularidades essas que poderiam ser boas ou ruins; afinal, apesar de terem um caráter político definido no século XIX e promoverem recomendações terapêuticas de aspecto “alternativo”, por meio de anúncios de remédios e estabelecimentos como barbearias ou boticas, eles não isentavam os curadores de sofrerem as ofensas encharcadas no discurso médico do período, uma vez que o intuito era desqualificar os sistemas de cura que fossem distintos dos da medicina oficial (Mariano; Silva, 2022, p.113).

No que se refere às fazendas, como muitas delas ficavam distantes das cidades e das vilas, a assistência médica era raridade, sendo realizada pelos fazendeiros, através, por exemplo, do auxílio de manuais de medicina. Conforme destacado anteriormente, uma obra utilizada naquele período

era o “Diccionário de Medicina Popular”, de Chernoviz, que traz a nomenclatura das doenças, suas descrições, as possíveis causas, seus sintomas, além da terapêutica.

Por meio dos anúncios de jornais, é possível identificar que esta obra era vendida e comercializada na província, nos revelando assim o seu uso na busca de curar das enfermidades. No jornal *O Publicador*, durante a década de 1860, encontramos vários anúncios referentes à obra de Chernoviz, que envolvem desde a sua venda em boticas, a indicação de que ela poderia ser encomendada ou, ainda de leitores à sua procura para adquiri-la, desde que estivesse em bom estado de conservação.²⁷

Cabe destacar que, em um cenário de moléstias, como ocorria na província da Paraíba do Norte, era comum encontrar informações em jornais que descreviam os sintomas das doenças e a forma como tratá-las. Vejamos o que recomendou o jornal *A Regeneração* a seus leitores sobre “o Cholera”:

Sobre o Cholera: Os symptoms graves e principais do cholera são-diarréa, vômitos e frio. [...] Para a diarréa e vômitos, a base do tratamento é o ópio: para o frio, tudo quanto pode excitar e estimular [...] o calor (*A Regeneração*, 28 de fevereiro de 1862).

Como podemos perceber, os jornais, além de divulgarem notícias e serviços, eram utilizados para informar os sintomas e a terapêutica para as doenças naquele período. Essa informação, publicada em fevereiro de 1862, ocorreu durante o segundo surto de cólera na província, entre 1861 e 1862, que, conforme Ariosvaldo Diniz (1997), desde o início, demonstrou ser uma doença seletiva, atacando, principalmente, as camadas mais pobres da população, entre elas a escravizada.

Paralelamente, ao uso dos manuais de medicina e das notícias e anúncios de medicamentos nos jornais, a sociedade buscava, também, outras formas de curar suas doenças. Laura Santos (2007) destacou que, nesse campo da cura, os proprietários de escravizados se utilizavam dos conhecimentos destes para seus tratamentos, a citar as benzeduras e o uso de plantas medicinais, conforme analisado anteriormente. Assim, mais uma vez concordamos com Carla Almeida (2010), quando ela destaca que os

²⁷ Jornal *O Publicador*, 10 de outubro de 1865. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=215481&pasta=ano%20186&pesq=chernoviz&pagfis=1350> Acesso: 01 set. 2025.

saberes elaborados pelas instituições acadêmicas não fizeram desaparecer os conhecimentos populares sobre as artes de curar, que poderiam ser considerados uma “medicina mestiça”, tendo em vista que se amparava na mistura de elementos da flora e da fauna e nos saberes a eles referentes, conhecimentos estes que estavam relacionados ao entrelaçamento de diferentes culturas, bem como na sua utilização igualmente diversa.

Conclusão

Pudemos discutir, no presente estudo, a partir dos avanços experimentados pela história das doenças e saúde da população africana, alguns males que acometiam essa população e as práticas terapêuticas utilizadas pelos indivíduos livres, libertos e escravizados da Província da Paraíba do Norte, durante as últimas décadas da escravidão. Isto porque a cultura africana, trazida ao Brasil durante o processo de diáspora, somada aos saberes e práticas de cura de outros povos, resultou no desenvolvimento de uma medicina local e mestiça.

Tendo contribuído assim para que indivíduos negros com alguma habilidade na arte de curar se apropriassem desse saber, obtendo resultados satisfatórios e, consequentemente, certa projeção social nos círculos frequentados pelos mais abastados. Além disso, esses personagens contavam com a confiança da população local que recorriam aos mesmos quando adoeciam, e eram por ela protegidos quando as instituições da ordem acatavam denúncias que os colocavam como charlatões e indivíduos perigosos para a ordem pública.

Tendo em vista que esses personagens representavam para a classe médica um empecilho para a sua institucionalização, muito embora essa categoria buscassem respostas para certos males que acometiam a população, justamente nas experiências e arte de cura desses indivíduos que, por vezes, estigmatizavam e lançavam ataques difamatórios a fim de tirar-lhes a credibilidade.

Mas ainda assim, em meio às críticas recebidas e apoios sociais, não podemos esquecer das experiências, dentro do processo de diáspora atlântica, do curandeiro Antônio Mão Santa e dos barbeiros João Barbeiro e Antônio Leite na arte de curar, que, a partir de seus saberes adquiridos

através de uma redifinição identitária dos povos africanos que chegaram ao Brasil durante o tráfico transatlântico, influenciaram diretamente nas práticas de curar da sociedade naquele tempo e espaço. Essas experiências e trajetórias nos permitem constatar a importância e o protagonismo desses agentes de cura na sociedade paraibana, visto que a população, não apenas escravizada, continuou a recorrer aos serviços desses práticos na busca da cura de suas enfermidades.

Fontes

A REGENERAÇÃO. Parahyba do Norte, 28 fev. 1862. Disponível no Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.

DIÁRIO DA PARAHYBA. Parahyba do Norte, 11 jul. 1884. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=809144&past_a=ano%20188&pesq=embriagado&pagsfis=140. Acesso em: 25 jun. 2025.

GAZETA DA PARAHYBA. Parahyba do Norte, 28 jun. 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: jan. 2025.

GAZETA DA PARAHYBA. Parahyba do Norte, 7 jul. 1888. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: jan. 2025.

GAZETA DA PARAHYBA. Parahyba do Norte, 17 ago. 1889. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: jan. 2025.

O IMPARCIAL. Parahyba do Norte, 22 fev. 1861. Disponível no Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.

O LIBERAL PARAHYBANO. Parahyba do Norte, 1 jan. 1883. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>. Acesso em: jan. 2025.

O LIBERAL PARAHYBANO. Parahyba do Norte, 15 out. 1884. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: jan. 2025.

O PUBLICADOR. Parahyba do Norte, 12 abr. 1864. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: jan. 2025.

O PUBLICADOR. Parahyba do Norte, 10 out. 1865. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=215481&pasta_a=ano%20186&pesq=chernoviz&pagsfis=1350. Acesso em: 1 set. 2025.

O PUBLICADOR. Parahyba do Norte, 17 out. 1866. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=215481&pasta_a=ano%20186&pesq=calenga&pagsfis=3132. Acesso em: 25 jun. 2025.

O PÚBLICADOR. Parahyba do Norte, 19 out. 1866. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=215481&pasta=ano%20186&pesq=rosemilo&pagfis=3142>. Acesso em: 25 jun. 2025.

O PÚBLICADOR. Parahyba do Norte, 20 out. 1866. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=215481&pasta=ano%20186&pesq=sanguinolenta&pagfis=3148>. Acesso em: 25 jun. 2025.

O PÚBLICADOR. Parahyba do Norte, 29 dez. 1864. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: jan. 2025.

O PÚBLICADOR. Parahyba do Norte, 8 jun. 1865. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: jan. 2025.

O PÚBLICADOR. Parahyba do Norte, 19 out. 1866. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: jan. 2025.

O PÚBLICADOR. Parahyba do Norte, 4 jan. 1867. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: jan. 2025.

O PÚBLICADOR. Parahyba do Norte, 23 fev. 1867. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=215481&Pesq=ama%20de%20leite&pagfis=1035>. Acesso em: 27 jan. 2025.

O PÚBLICADOR. Parahyba do Norte, 2 out. 1869. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: jan. 2025.

O PÚBLICADOR. Parahyba do Norte, 6 jul. 1885. Disponível no Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.

Referências

ALMEIDA, C. B. S. de. **Medicina Mestiça:** saberes e práticas curativas nas Minas Setecentistas. São Paulo: Annablume, 2010.

AMANTINO, M. As condições físicas e de saúde dos escravos fugidos anunciados no Jornal do Commercio (RJ) em 1850. **Revista História, Ciência e Saúde- Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p.1377-1399, out-dez, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702007000400015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/9mDtKNWqm5rszyjrhcHKDkN/?lang=pt>. Acesso em: 09 de mar. 2021.

BARBOSA, K. V. de O. **Doença e Cativeiro:** um estudo sobre mortalidade e sociabilidades escravas no Rio de Janeiro, 1809-1831. Curitiba: CRV, 2020.

BARBOSA, S. de F. P. **Jornal e Literatura:** a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

CARVALHO, M. J. M. de. **Liberdade:** Rotinas e Rupturas do Escravismo no

Recife, 1822-1850. Recife: Editora UFPE, 1998.

CAVALCANTE, E. de Q. **Tecendo Redes, construindo laços de solidariedade**: a formação de famílias negras, a prática do compadrio e a morte de escravizados e libertos no cariri paraibano (São João do Cariri/ 1850-1872). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2015.

CHERNOVIZ, P. L. N. **Diccionario de Medicina Popular**. Volume 2. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1851.

COELHO, R. R. O universo social das artes de curar no Brasil Colonial. IN: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26; 2011; São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308178723_ARQUIVO_Anpuh_RicardoCoelho_OUniversoSocialdasArtesdeCurarnoperiodocolonial_atualizado.pdf. Acesso em: 09 jan. 2025.

COSTA, J. B.; TORRES, N. M.; GROSFOGUEL, R. Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. In: COSTA, J. B.; TORRES, N. M. G. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

DIAS, E. C. J. D. As condições físicas e de saúde dos escravizados nos anúncios de jornais da Paraíba oitocentista (1850- 1888). **Revista Temporalidades**. v. 3, n. 2, ago-dez, 2011, p.98- 112.

DINIZ, A. da S. **Cólera**: representações de uma angústia coletiva (A doença e o imaginário social no século XIX no Brasil). Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas- SP, 1997.

FIGUEIREDO, B. G. **A Arte de Curar**: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Brasília, DF: CAPES; Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2008.

GELAPE, V. P. Escravos e forros nas artes de curar: potencialidades de estudos a partir de inventários post-mortem. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG. 2; 2011; Jataí. **Anais [...]**. Jataí: UFG, 2011. p. 1-8.

GLAUNEC, J. Le. Anúncios de escravos fugidos no mundo atlântico: histórias de vida e pouco (a) ritmo (s) de história. In: SANTOS, V. S. **História da África. X**. África e suas diásporas. Editora: Unesco, 2023.

GUIMARÃES, M. S. **Diáspora africana na Paraíba do Norte**: trabalho, tráfico e sociabilidade na primeira metade do século XIX. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.

HALL, S. **Da Diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação do UNESCO no Brasil, 2003.

KARASCH, M. C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São

Paulo: Companha das Letras, 2000.

MAGALHÃES, S. M. de. **Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.

MARIANO, S. R. C; SILVA, W. F. da. As artes de curar na Província da Parahyba nas décadas de 1870-1880. In: PIMENTA, T. S.; MOTA, A. **Artes de curar e práticas de saúde**: circularidades, institucionalidades e repressão. 1^a. Ed. São Paulo: Hucitec, 2022.

MATTOS, D. M. Escravidão e saúde nos anúncios de escravos fugidos: os jornais da Desterro oitocentista. In: **Cativeiros enfermos**: assistência e saúde no Brasil escravista. São Paulo: Hucitec Editora, 2023.

MEDEIROS, J. R. Coriolano de. **O Tambiá da minha infância**. Sampaio. João Pessoa: A União Editora, 1994.

PIMENTA, T. S. P.; GOMES, F. dos S. (Org.). **Cativeiros enfermos**: assistência e saúde no Brasil escravista. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

REIS, I. C. F. dos. Família, Terreiros e Irmandades. In: ALBUQUERQUE, W.; FILHO, W. F. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: CEAO/Fundação Palmares, 2006. p.94-114.

SÁ, L. D. de. **Parahyba uma cidade entre miasmas e micróbios**. O Serviço de Higiene Pública, 1895 a 1918. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/ USP, 1999.

SANTOS, L. C. dos. Práticas de Curar e terapeutas populares em Salvador no início do século XIX. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: PODER CULTURA E DIVERSIDADE, 3, 2007, Salvador-BA. **Anais [...]**, Salvador- BA: 2007. Disponível em: www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh-III/laura-carvalho.pdf. Acesso em: 09 mai. 2013.

SILVA, C. M. N. da; NASCIMENTO, C. V. do; ZICA, M. da C. e. Imprensa e educação na segunda metade do oitocentos. In: MIZUTA, C. M. M; FARIA FILHO, L. M. de; PERIOTTO, M. R. (Orgs.). **Império em debate**: impressos e educação no Brasil oitocentista. Maringá: Eduem, 2010.

SILVA, W. F. da. **Artes de Curar em confronto?** Disputas, ofícios e práticas de curar na Paraíba Imperial (1870-1880). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SIQUEIRA, R.; BARRETO, M. R. Escravidão, doença e morte em Juiz de Fora (século XIX). In: **Cativeiros enfermos**: assistência e saúde no Brasil escravista/ PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio dos Santos (Org.) 1^a ed. São Paulo: Hucitec, 2023.

ROCHA, S. P. da. Doenças de pessoas negras e práticas de curar na freguesia de Santa Rita (1840-1888). In: **População negra na Paraíba**. 1^a. ed. Campina Grande: EDUFSCG, 2010.

TORRES, N. M. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: COSTA, J. B.; TORRES, N. M. G. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2^a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

WITTER, N. A. **Dizem que foi feitiço**: as práticas de cura no sul do Brasil (1845 a 1880). Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

XAVIER, R. Dos males e suas curas: práticas médicas na Campinas Oitocentista. In: CHALHOUB, S. (Org.). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 335-343.